

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PAU DOS FERROS/RN

Deyse Negreiros de Oliveira¹

RESUMO

O trabalho busca investigar quais são os desafios enfrentados por professores no intuito de proporcionar a inclusão de alunos com autismo dentro da sala de aula regular. Para isso, no intuito de aprofundar os dados da pesquisa, utilizou-se da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, e a aplicação de questionários através do Google Forms, para 2 (duas) docentes que lecionam em sala de aula regular e atendem alunos com TEA em uma escola pública de Pau dos Ferros-RN. Os resultados evidenciaram a existência de diversos desafios no cotidiano escolar, os quais variam entre formação continuada dos professores, falta de profissionais com formação adequada, escassez de materiais adequados para se trabalhar com os alunos com TEA e o comprometimento de toda equipe escolar, dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Inclusão. Autismo. TEA. Ensino. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é uma questão pertinente e atual e implica a necessidade de ser abordado tanto pelos profissionais da educação, como pela sociedade em geral, já que atualmente se torna cada vez mais presente a existência de alunos com TEA na sala de aula regular. Segundo dados do Ministério da Educação, mais precisamente do Censo Escolar 2023, publicado recentemente no ano de 2024, “[...] cerca de 35,9% (636.202) dos alunos matriculados nas escolas brasileiras são diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo - TEA” (BRASIL, 2024, s.p.).

¹ Discente da Especialização em Atendimento Educacional Especializado/UFERSA. Graduada em Pedagogia/UERN. Professora na SEEC – RN. Email: deyse.negreiros5@gmail.com.

Para melhor compreensão sobre o que é o autismo, Gaiato e Teixeira (2018, p. 13) o descrevem como:

Uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social, dificuldades na comunicação, por exemplo, na aquisição de linguagem verbal e não verbal; alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos ou estereotipados. É importante entender que existe um atraso significativo nos marcos de desenvolvimento dessas habilidades, e essas características aparecem nos primeiros anos de vida da criança.

Destaco, assim, o interesse pelo estudo dessa temática, tendo em vista a necessidade de um aprofundamento maior para minha formação profissional, já que como mencionado, a cada ano cresce o número de alunos com autismo na rede escolar. Assim, nesse contexto é indispensável o aprimoramento das metodologias e práticas pedagógicas que visem a garantir a inclusão dessas crianças nas escolas.

Dessa maneira, temos como objetivo principal compreender os desafios enfrentados pelos professores de uma escola pública de Pau dos Ferros-RN, para conseguir proporcionar a inclusão dos alunos com TEA na sala de aula regular. Especificamente, buscamos discutir sobre a legislação educacional acerca da inclusão desses discentes, além de analisar como os docentes de uma escola pública de Pau dos Ferros-RN compreendem a questão da inclusão de alunos com TEA no cotidiano educacional.

Para tanto, o estudo parte da seguinte indagação: Quais os desafios enfrentados pelos docentes para incluir discentes com TEA na aula regular em uma escola pública de Pau dos Ferros-RN?

Para isto, utilizaremos a pesquisa de campo e da mobilização de autores como: Gaiato (2018), Benini (2016), Papim (2020), Pezzi (2020), Batistti e Heck (2015), dentre outros pesquisadores.

Sobre a organização do estudo, primeiramente abordamos sobre o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os desafios na inclusão de alunos com este transtorno na sala de aula regular de uma escola pública. Na seção seguinte, temos a metodologia do estudo. Adiante, os resultados e discussão e, por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breves apontamentos acerca do autismo

Nesta seção, discutiremos a respeito da inclusão dos alunos com autismo, tanto nas

instituições escolares, como de fato na sociedade e, para isso, levaremos em consideração alguns pontos importantes, como a sua vida escolar, a presença ativa da família, as práticas pedagógicas dos professores e a legislação educacional.

Inicialmente, pontuamos que a família é tida como o pilar principal para o desenvolvimento de uma criança com TEA, já que é vista como a base de segurança e proteção. Os pais, principalmente, precisam aceitar e compreender essa condição do indivíduo para assim buscar a ajuda e o acompanhamento necessário/adequado com profissionais competentes.

Mas, inferimos que não só a criança precisa de cuidados, mas todos os componentes familiares necessitam de uma atenção, para compreender como agir perante essa descoberta, pois é um transtorno que os acompanhará pela a vida inteira. Como complementa Papim (2020, p. 33), "[...] a família, compreendida por todas as pessoas em torno da criança com TEA (pais, irmãos, avós, tios, primos etc.), carecem de apoio e cuidados para adaptar convenientemente o contexto familiar, a fim de proceder à aprendizagem, no sentido de regular o espaço de convívio para o ensino".

O autismo é uma causa que precisa ser abraçada por todos, desde a família que é o convívio maior da criança, até a escola, a qual se torna uma das instâncias em que ela permanece mais tempo. Assim, é indispensável que essas duas instâncias caminhem juntas, com a intenção de proporcionar uma educação de qualidade para esses discentes, os quais devem ter a oferta das mesmas possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento que os demais indivíduos possuem.

Assim, segundo Papim (2020, p. 34), somente com "a família, junto ao filho e à escola, com atores focados no desenvolvimento e na aprendizagem social e cognitiva, estabeleceram ações conjuntas, formalizando um sistema de estratégias estruturadas de ensino e de aprendizagem, fortemente concordantes".

É visível que as escolas no intuito de receber e acolher todas as crianças, sejam elas típicas ou atípicas, precisam ter aporte físico adequado e também profissionais competentes e preparados, os quais busquem compreender o assunto, estudar metodologias que os ajudem a suprir as dificuldades encontradas no cotidiano escolar, já que, enquanto professores atuantes, sabemos o quão difícil é proporcionar inclusão social e cognitiva em todos os nossos alunos, isso mediante a realidade de nossas instituições públicas de ensino.

Miranda e Filho (2012, p.12) ainda complementam que “nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber”

É necessário, dessa forma, buscar incluir os alunos com autismo nas atividades escolares e sociais e direcioná-los para que percebam suas capacidades cognitivas e sociais, de modo a desenvolver seu lado social e interagir com outras pessoas, compreendendo suas potencialidades de crescimento e também de desenvolvimento. Conforme Lima (2006, p. 63):

A inclusão, portanto, não é algo que se fala, mas algo que se vive, intensa e conscientemente, contínua e tenazmente, concreta e francamente. A inclusão é a participação de todos pelo todo, com todos. A inclusão não é uma mera teoria da moda, mas uma atitude de vida; uma expressão de sociedade e cidadania; uma compreensão de que todos os seres humanos são humanos sem distinção.

Nesse intuito, incluir vai bem além de estar em sala de aula, mas consiste em entender o aluno com autismo como pessoa inserida na sociedade, reconhecendo que estamos convivendo com indivíduos, com seres humanos, todos iguais em suas diferenças. Autismo é apenas uma característica, não deve ser compreendido como um empecilho na capacidade de aprendizagem de seus portadores, ou como justificativa de não proporcionar um ensino que instigue a criança a se desenvolver em todas as suas capacidades.

Para Silva (2012), fica clara a necessidade de atenção individualizada, pois são crianças que já começam sua vida escolar com diagnóstico: elas apresentam atraso mental, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica, como as outras crianças, e as estratégias individualizadas serão necessárias para o seu desenvolvimento.

Torna-se indispensável que o docente compreenda cada aluno como um ser único e que possui especificidades diferentes, necessitando de um olhar aguçado, o qual perceba suas carências, suas dificuldades, como também suas capacidades e que assim saiba agir corretamente, mediante cada situação, com o intuito de garantir um ensino e consequentemente uma aprendizagem de qualidade. Meneses e Sousa (2022, p. 133) confirmam nosso pensamento, ao defenderem que:

O professor que busca promover a inclusão de todos os seus alunos, sem fazer distinções, devido suas necessidades educacionais especiais, age frente a todos seus alunos, tendo em vista que, embora com necessidades diferenciadas, todos possuem capacidades de se desenvolver e interagir, buscando formas de trabalhar com o aluno mediante suas dificuldades. Assim, prepara o material para atividades incluindo a todos, estuda a maneira de aplicação aos alunos e busca conhecer o grau de dificuldade do seu público, visando resultados que favoreçam o desenvolvimento do aluno com TEA.

Portanto, é visível que conviver com uma criança com autismo não é fácil, mas é bastante desafiador e demanda muita paciência e compreensão, de todos os familiares, da

comunidade em que vive, da escola que frequenta, enfim, da sociedade em que está inserida. As famílias que lutam e estão sempre em busca de qualidade para a educação dos seus filhos tendem a ter um melhor desenvolvimento cognitivo e motor, pois tem acesso a novas experiências de vida, a novas situações que proporcionam o amadurecimento intelectual de cada um, contribuindo, assim, para se tornar uma criança com uma aprendizagem adequada, incluído socialmente e com as mesmas oportunidades e possibilidades de desenvolvimento na sociedade.

2.2 Legislação Educacional acerca da inclusão escolar dos alunos com autismo

Nessa perspectiva da educação inclusiva, é indispensável que abordamos sobre a importância da legislação brasileira e do quanto ela vem avançando continuamente no intuito de garantir os direitos de inclusão e de aprendizagem, necessariamente dos alunos com autismo, foco da nossa pesquisa.

Ressaltamos que conforme as orientações da LDB - Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), em seu art. 59, está descrito que

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; [...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Nessa perspectiva, avaliamos que a principal política pública, na defensoria de tais direitos inclusivos, é a Política Nacional de Educação Especial (PNEE), a qual busca:

assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (Brasil, 2008, p. 14).

Tal política enfatiza a participação dos alunos na vida escolar, independentemente de suas deficiências e com direito de inclusão na oferta das modalidades de ensino. Isso se

tornou reforçado com a deliberação da Lei 7.611/2011, a qual “dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado”.

Ainda pontuamos, que uma das principais leis na garantia de direitos para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, é a Lei nº 12.764/2012, intitulada como Lei Berenice Piana, a qual respalda que:

Para a garantia do direito à educação básica e, especificamente, à educação profissional, preconizado no inciso IV, alínea a, do artigo 3º da Lei nº 12.764/2012, os sistemas de ensino devem efetuar a matrícula dos estudantes com transtorno do espectro autista nas classes comuns de ensino regular, assegurando o acesso à escolarização, bem como ofertar os serviços da educação especial, dentre os quais: o atendimento educacional especializado complementar e o profissional de apoio (Brasil, 2023, p. 3).

Essa última lei citada, de fato, trata o autismo de modo direto, mostrando a relevância desse transtorno na sociedade e o quão importante se torna o aprofundamento a seu respeito. Além de visionar matrículas em qualquer unidade de ensino, como destacamos no art. 7º da Lei nº 12. 764/12, em que lemos: “o gestor escolar, ou a autoridade competente que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários mínimos” (Brasil, 2012).

Destacamos também que esta lei instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que trouxe mais garantia a direitos básicos, como: terapias, medicamentos, acesso à educação, assistência social, dentre outros.

Nessa visão, em reverência acerca da legislação, ainda aludimos à Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146/2015, que reconhece e “reforça os direitos das pessoas com autismo, promovendo a acessibilidade, a inclusão social e o direito à educação inclusiva (Brasil, 2015)”.

No ano de 2020, temos que foi alterado “a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”, um importante objeto de reconhecimento ao público. No qual em seu Art. 3º-A - É criada a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), com vistas a garantir atenção integral, pronto atendimento e prioridade no atendimento e no acesso aos serviços públicos e privados, em especial nas áreas de saúde, educação e assistência social”.

Destacamos pontualmente, que com base nesses recortes, que há diversas diretrizes, leis e tratados que juntas tendem a dar proteção aos direitos de inclusão dos alunos com

autismo na rede regular de ensino e em sua vida social como cidadão, ou seja, estamos protegidos legalmente pela busca e execução destes.

2.3 Práticas pedagógicas dos professores para inclusão de alunos com TEA

Discorreremos agora acerca das práticas pedagógicas para inclusão dos alunos com autismo, ao refletir sobre a inclusão em sala de aula, compreendemos que as metodologias utilizadas pelos professores/professoras, são um dos principais elementos que atingem diretamente a aprendizagem das crianças e em como elas são inseridas no meio educacional. Ao refletirmos sobre seu significado, compreendemos que

[...] práticas que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por dada comunidade social. [...] enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociação e deliberações com um coletivo (Franco, 2012, p.154).

Para que tais práticas sejam exitosas, é imprescindível a elaboração e execução de um planejamento, o qual deve ser algo pontual, claro e objetivo, buscando solucionar aquela falha/dificuldade que o alunado venha a sentir durante seu percurso escolar, bem como se sentir incluído e valorizado durante todo esse trajeto. Sobre isso, Costa (2017 p. 46) enfatiza:

As práticas pedagógicas são fundamentais no processo inclusivo, tendo em vista a necessidade do aluno de aprender. Assim, cabe ao professor manipular estratégias que viabilizem a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, potencializando suas singularidades. A sala de aula deve ser transformada em um local de experiências onde o aluno tenha oportunidade de aprender, a partir de estratégias que estimulem sua capacidade. Portanto, a implementação da educação inclusiva nas escolas realiza-se em um cenário de debates sobre a necessidade de inclusão social e escolar do aluno com NEE, corroborando para uma escola para todos.

A premissa em volta da construção "Escola para todos", é grandiosa, de fato, isso é a verdade, mas nem sempre é a realidade. As dificuldades são diversas, os obstáculos são imensos e, para que isso ocorra, sabemos que o ensino inclusivo, é algo que vem ocorrendo devagarmente ao longo dos anos, as escolas, os profissionais em sua maioria, estão se reinventando, procurando maneiras para desenvolver seu trabalho e mostrar que realmente a escola é um lugar de todos, sem exceções.

Cunha (2016, p. 93) aborda práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno autista e apoia a ideia de que esse aluno tem capacidade de atuar no contexto da sala de aula,

exercendo as funções de sujeito participativo e reflexivo. Salienta algumas áreas da aprendizagem do aluno que podem ser desenvolvidas em atividades específicas, como:

- memória, concentração e equilíbrio: em atividades que estimulem a organização do material de trabalho;
- socialização, direitos e deveres: em exercícios que trabalhem limites e vida prática;
- organização do pensamento e da linguagem: na ordem de execução das atividades;
- a internalização do papel do aprendente no aluno: em atividades que valorizem a escola e os seus atores;
- socialização, alteridade, afetividade e inclusão: em atividades com a participação do grupo discente, em atividades de vida prática e durante as refeições com demais aluno.

Mostra-se aqui, cinco áreas as quais os docentes precisam conhecer e saber que seus alunos, podem e devem afunilar as aprendizagens nesse sentido. A instituição escolar, forma um cidadão em sua plenitude, tanto em aprendizagens cognitivas, quanto em aprendizagem social, são dois termos indissociáveis e quando falamos em indivíduos com TEA, se torna indispensável à necessidade de garantir seu desenvolvimento integral.

Sabemos que não é fácil desenvolver atividades pedagógicas com crianças com autismo, isso depende do nível de suporte que ela necessita, assim, as práticas pedagógicas precisam ser direcionadas no intuito de suprir tal carência educativa e proporcionar um bom desenvolvimento de sua vida escolar. Silva (2012, p. 75), nos esclarece que:

O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do nível de acometimento do transtorno. As crianças com nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e permanecer dependente de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços autísticos, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didáticos-pedagógicos.

Este mesmo autor ainda complementa que as crianças com TEA:

[...] apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, porém não fecham diagnóstico (Silva, 2012, p. 22).

Ou seja, não são todas as crianças com autismo que necessariamente vão precisar de um professor da educação especial ou cuidador, pois algumas conseguem se desenvolver e

acompanhar o currículo educacional na sala de aula regular, já outras com um nível maior de suporte, vão precisar desse apoio maior para desenvolver suas capacidades, além do professor da sala regular. “Assim é necessário que o educador entenda e planeje suas ações para que o ensino e a aprendizagem ocorram para todos os alunos, independente das diferenças que venham a existir em sala de aula” (Meneses; Sousa, 2022, p. 132).

Dessa forma, ao realizar toda essa discussão, envolvendo a vida escolar do aluno, a importância da sua família, não podemos deixar de pensar a respeito da formação continuada dos profissionais da escola, pois estes devem ter suporte teórico sobre o assunto, para com isso conseguir aprimorar suas metodologias, planejar melhor suas aulas e consequentemente lecionar com mais eficácia em relação à inclusão dos alunos com autismo.

“Inclusão escolar, então, implica o fato de a escola, a partir de um modelo educativo, tendo como base o ensino para todos, garantir ao aluno a oportunidade de aprender e condições ao professor de formação e valorização da docência” (Costa, 2017, p. 41-42).

Vemos na própria LDB (1996), em seu art. 59, a importância acerca da formação dos professores especializados para atender as pessoas com necessidades especiais.

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:
III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração [leia-se, inclusão] desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996).

Dessa forma, a partir de toda essa análise percebemos a necessidade de buscar estar em constante aprendizado, no intuito de atendermos melhor nossa diversidade de discentes, já que mediante a realidade de nossas escolas brasileiras é visto que muitos profissionais não investem em sua formação continuada, nessa intenção de aperfeiçoar sua prática pedagógica.

3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Esta pesquisa busca-se realizar um estudo de caso, por meio do qual analisaremos como ocorre a inclusão de alunos com TEA – Transtorno do Espectro Autista, dentro do espaço escolar. Assim, serão consultados 2 professores titulares, das turmas de 1º ano e 3º ano do ensino fundamental I, em uma escola estadual no município de Pau dos Ferros/RN, onde a turma do 1º ano possui o professor titular e um professor da educação especial e a turma do 3º ano somente o professor titular.

Para isto, utilizamos como metodologia de pesquisa, a pesquisa de campo, a qual segundo Mendonça (2017, p.93), “é a observação de fatos e fenômenos espontâneos, geralmente in loco”. Sobre isso, Gil (2002, p. 53) ainda complementa, quando diz que:

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado.

Como procedimentos metodológicos, no intuito de se aprofundar a respeito da visão dos docentes, aplicamos questionários através do *Google Forms*, por acreditar que seja a melhor forma para coleta de dados. Para análise dos dados, usamos a abordagem qualitativa, a qual “pode-se definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (Gil, 2002, p.133) ”.

Destacando, que optamos pelo caráter exploratório, já que segundo Gil (2002, p.41), este “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Mendonça (2017, p.91), ainda complementa que este tipo de pesquisa visa “obter mais informações sobre o assunto investigado”.

Vamos detalhar abaixo algumas informações sobre as entrevistadas, no intuito de compreender suas particularidades enquanto docentes. Ressaltamos também que usamos nomes fictícios para ambas, uma será chamada de Violeta e a outra chamaremos de Rosa.

	Violeta	Rosa
Idade	30 anos	51 anos
Formação	Pedagogia	Pedagogia
Tempo de Experiencia em sala de aula	10 anos	15 anos
Cargo	Efetiva	Efetiva

Importa destacar que valemos de autores, como Teixeira e Gaiato (2018), Benini (2016), Papim (2020), Pezzi (2020) e Batistti e Heck (2015), dentre outros pesquisadores, os quais estudam sobre o autismo e sua inclusão na educação básica. Desta forma, poderemos nos

aprofundar teoricamente e comparar com a realidade observada, para construção deste trabalho.

3.1 Análise dos dados

Em todo o corpo deste trabalho, buscamos estudar e compreender sobre as dificuldades que são enfrentadas pelos docentes para conseguir incluir os alunos com TEA na sala de aula regular. Nesse sentido, de acordo com as respostas das duas docentes entrevistadas, discorreremos a seguir a cerca das percepções das mesmas, compreendendo seus olhares enquanto docentes sobre os alunos com TEA e as dificuldades enfrentadas.

Aplicamos o questionário e a partir da análise, percebemos pertinentes falas acerca de suas práticas pedagógicas e da realidade de suas turmas. Discorreremos no seguinte com um comparativo sobre as duas respostas, fazendo uma análise reflexiva de acordo a teoria estudada. Assim, em uma pergunta inicial, indagamos: “Como você compreende a Educação Inclusiva?”

Docente Violeta

A Educação Inclusiva, se dá pelo fato de conseguirmos proporcionar o acesso a qualquer espaço e a aprendizagem de qualidade, para as pessoas com algum tipo de deficiência. Incluir não é só colocar uma criança em sala de aula, é criar mecanismos para que ela interaja com os colegas, participe das atividades e evolua em sua aprendizagem, adquirindo as habilidades e competências necessárias em cada etapa de sua vida escolar.

Docente Rosa

Como um ensino que visa proporcionar possibilidades e oportunidades iguais para todos os discentes, independente de suas limitações e particularidades.

Percebemos que as duas docentes têm uma visão parecida sobre a inclusão, definindo de maneira que suas respostas se completam e são apoiadas no pensamento de Costa (2017, p. 15), para quem “o espaço escolar deve ser organizado, planejado e sistematizado para ofertar condições aos alunos, independentemente de suas peculiaridades e das suas deficiências, promovendo um ensino de qualidade para todos”.

Na pergunta seguinte, indagamos se as docentes participam de cursos na área da educação inclusiva e, em caso de resposta positiva, quais seriam esses cursos.

Docente Violeta

Docente Rosa

Sim. Atualmente estou cursando uma especialização em Atendimento Educacional Especializado - AEE, bem como faço leituras de trabalhos voltados na área da educação inclusiva, no intuito de melhorar minha prática pedagógica enquanto professora.

Sim. Especialização em Educação Especial.

É visível a preocupação das professoras em buscar aprofundamentos nos seus saberes voltados para a Educação Especial, no intuito de atuar de modo mais articulado com a proposta da educação inclusiva melhor seu desempenho enquanto docentes. Confirmamos assim que “[...] a formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista” (NOTA TÉCNICA N° 24 /2013 /MEC /SECADI /DPEE).

Na próxima pergunta, pedimos para as colaboradoras da pesquisa refletirem e se posicionarem sobre as quais práticas pedagógicas utilizam na sala de aula para a inclusão do aluno com TEA.

Docente Violeta

Incluir querendo ou não é bem difícil, existe uma demanda de necessidades a serem identificadas e as quais precisamos buscar o melhor caminho para atendê-las. As práticas pedagógicas, variam de acordo com o tipo de nível de suporte da criança com autismo, geralmente, buscamos utilizar o hiperfoco da criança como estímulo no desenvolvimento das atividades. Dessa forma, utilizamos: rodas de conversas e músicas, para trabalhar a socialização e a interação, brincadeiras de duplas com atividades que chamem a atenção do aluno (o mesmo dispersasse muito rápido), utilizamos carrinhos, massinha de modelar, tinta guache, canetinhas, giz de cera, caixa sensorial, danças, contação de histórias, tampinhas, desenhos para costurar, dentre outras atividades, no intuito de chamar sua atenção.

Docente Rosa

Busco realizar atividades coletivas com todas as crianças, visando promover a interação e igualdade. Tenho 3 alunos com TEA, sendo que estes tem um nível de suporte leve e conseguem acompanhar a rotina normal da sala de aula, isso na maioria dos dias, em alguns dias são mais difíceis essa prática de ter uma mesma rotina para todos.

A partir das respostas das docentes, conseguimos perceber o quanto se importam e buscam ressignificar suas práticas pedagógicas, utilizando de diversas estratégias com a intencionalidade de proporcionar inclusão dentro da sala de aula para os alunos com autismo. De acordo com Costa (2017, p. 46), que “as práticas pedagógicas são fundamentais no processo inclusivo, tendo em vista a necessidade do aluno de aprender. Assim, cabe ao professor manipular estratégias que viabilizem a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, potencializando suas singularidades”.

Outro questionamento bastante necessário para a nossa pesquisa foi: “Como ocorre o planejamento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno

com TEA?”

Docente Violeta

Busco realizar o planejamento do restante da turma de uma forma e como o aluno não acompanha o tipo de atividades direcionadas, dentro das atividades do geral, planejo para ele, atividades com o mesmo tema, só que com um nível adequado, para que ele consiga executar com a professora da educação especial que o acompanha, além de alinhar com ela as atividades que desenvolveremos com ele, na intenção de proporcionar os mesmos conteúdos, mas, focar nas dificuldades específicas dele.

Docente Rosa

Meu planejamento ocorre de maneira tranquila, tendo em vista como já falei, que as crianças com TEA, não demonstra nenhuma necessidade de ter um planejamento diferenciado em relação aos demais alunos.

Analisando, as duas respostas, percebemos a diferença na execução dos planejamentos, já que a Docente Violeta necessita realizar um planejamento diferenciado para seu aluno com autismo, pois este ainda se encontra em processo de desenvolvimento de suas competências e habilidades, já a Docente Rosa, pelo nível de suporte de seus alunos com autismo já alfabetizados, consegue realizar um só planejamento, pois os mesmos acompanham a grade curricular do 3º ano do Ensino Fundamental.

Na conseguinte pergunta, indagamos: Como você avalia o aluno com TEA em relação à sua aprendizagem e desenvolvimento?

Docente Violeta

O aluno da turma em específico (1º ano), em relação ao desenvolvimento de sua socialização e interação com os colegas e ambiente escolar, vem avançando positivamente no decorrer dos dias. No início do ano letivo era uma criança bem fechada, com receio de interagir com os demais colegas e sendo necessário a presença da sua mãe na escola, atualmente, avançamos e ele fica só com as professoras, interage com os alunos, divide seus brinquedos, brinca com algumas crianças em específico e vem se socializando bem e evoluindo bastante. Já em sua aprendizagem escolar, avança aos poucos, não quer realizar as atividades, é uma luta para incentivá-lo e conseguir executar qualquer coisa com êxito.

Docente Rosa

As crianças com TEA, assim como as demais devem ser avaliadas de maneira integral, observando seus avanços e dificuldades. Leciono no 3º ano e os alunos com autismo, estão alfabetizados, conseguindo assim acompanhar a grade curricular sugerida, ou seja, eles são avaliados normalmente como os outros alunos.

Mediante as duas respostas, percebemos diferenças na forma de avaliação das crianças, já que ambas as avaliam mediante o seu desenvolvimento desde o início do ano letivo e levam em consideração suas capacidades e particularidades. Então, as professoras em análise conseguem ter um olhar atento à compreensão de como deve ocorrer a avaliação e que

vem confirmado com o que pensa Costa (2017, p. 63)

a avaliação poderá levar o professor a compreender melhor sua aprendizagem, desenvolvimento, suas necessidades, os assuntos de seu interesse, as habilidades, entre outros aspectos relevantes para a sua inclusão. Porém, os alunos não devem ser avaliados a partir de comparações realizadas com o desenvolvimento do outro aluno, mas observando seu próprio desenvolvimento”.

Uma outra importante indagação a se analisar, é a seguinte: Você recebe algum apoio da instituição educativa em relação ao trabalho pedagógico? Tem contribuído satisfatoriamente com sua prática? Aprofunde sua resposta.

Docente Violeta

Depois de 4 meses sozinha com o aluno dentro da sala de aula regular, com uma criança que possui nível alto de suporte, finalmente recebemos um professor da educação especial para acompanhá-lo. Em relação a gestão escolar o apoio é muito pouco, apenas conversas para saber como está a evolução da criança.. Não nos repassaram atividades, nem sugestões, nada do tipo para se trabalhar com a criança. O professor que busque e desenvolva o seu trabalho com o aluno e o restante da turma. Dessa forma, em muitas situações me sinto frustrada, sem saber o que fazer com a criança, quais atividades conseguir desenvolver para fazer avançar-la, pois a recusa dele em relação a realização das tarefas são frequentes, isso, por que buscamos atividades práticas, com uso de objetos, brinquedos, materiais lúdicos, mais o mesmo não demonstra muito interesse.

Docente Rosa

O apoio não é como o esperado por mim, enquanto professor, ressalto que recebo algumas sugestões para o desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos, mas, algo muito superficial, sem olhar de fato para as necessidades dos alunos de modo geral. Analiso que é apenas responsabilidade do professor da sala de aula, o desenvolvimento dos seus alunos.

Mediante as respostas, percebemos a falha da escola como um todo em conseguir dar o apoio necessário aos docentes para execução de suas atividades profissionais voltadas para os alunos com TEA. E isso nos abre o olhar, para como a inclusão vem sendo feita em todo o espaço escolar, é uma responsabilidade somente do professor? A gestão escolar deve acompanhar o desenvolvimento da aula do professor, o desenvolvimento do aluno e da os suportes necessários para a prática pedagógica dos docentes, já que a escola é feita por diversos atores, e não somente professor e aluno.

Fica visível nas falas de ambas as professoras, o quanto elas se sentem sozinhas e cobradas pelo desenvolvimento dos alunos com autismo. A ausência de apoio ativo da gestão da escola demonstra uma sobrecarga no professor no momento de gerir a sala de aula, o docente é levado a desenvolver sozinho suas atividades e sabemos o quanto, em muitos

momentos, torna-se necessário um olhar de alguém de fora da sala de aula, para nos orientar e direcionar as práticas, para um caminho que as vezes passa despercebido e que provavelmente poderia ter um resultado melhor. Então, diversificar a prática pedagógica, recalcular a rota, podem ser direcionamentos que devem ser relatados por a gestão, no caso, no intuito de proporcionar melhores condições de aprendizagens aos alunos.

A seguinte pergunta se volta para identificar : Qual/quais suas maiores dificuldades frente ao processo de ensino e aprendizagem do aluno com TEA?

Docente Violeta

Acredito que busco me superar a cada dia, mas, tenho que melhorar bastante ainda enquanto profissional, vejo as carências educacionais que não estou conseguindo melhorar na criança. Enquanto professor, busco atividades diferenciadas, ler sobre o assunto, me aprofundar, mas a prática é diferente da teoria, cada criança possui suas singularidades e vontades, assim, nem sempre o que desejamos fazer é o que ela quer fazer e isso a faz ficar angustiada e estressada, resultando na não aprendizagem necessária para ele.

Docente Rosa

Minha maior dificuldade é a ausência de conhecimento sobre autismo. Também considero como dificuldade a falta de interesse dos alunos com TEA na realização de algumas atividades. Além de falta de material atrativo para serem utilizados na sala de aula, ou seja, a falta de recursos pedagógicos direcionados a aprendizagem dos alunos com autismo.

Ambas as docentes concordam e enumeram diversas dificuldades que enfrentam no cotidiano escolar e apontam como principal desafio a necessidade de atualizarem seus saberes em relação ao autismo e principalmente em inovar suas práticas pedagógicas mediante o processo de aprendizagem das crianças, na busca da garantia de inclusão e aprendizagem de todas as crianças.

Então, são apresentadas diversas dificuldades do cotidiano escolar e que mostram a fragilidade que os profissionais da educação sofrem quando se fala em alunos com autismo, mesmo nos últimos anos sendo uma realidade recorrente recebermos alunos com TEA, a falta de conhecimentos ainda dificulta as metodologias que devem ser desenvolvidas nas escolas para se proporcionar inclusão e aprendizagens aos alunos.

Na pergunta seguinte, indagamos sobre: Qual avaliação você faz da sua própria prática pedagógica com relação ao trabalho com o aluno com TEA?

Docente Violeta

Acredito que busco me superar a cada dia, mas, tenho que melhorar bastante ainda enquanto profissional, vejo as carências educacionais que não estou conseguindo melhorar na criança. Enquanto professor, busco atividades diferenciadas, ler sobre o

Docente Rosa

Eu avalio que preciso aprender mais sobre o TEA, e para isso necessito participar mais de cursos de aperfeiçoamento. Mas, acredito também que a prática pedagógica vai além dos conhecimentos teóricos, busco tratar meus alunos com amor e

assunto, me aprofundar, mas a prática é diferente da teoria, cada criança possui suas singularidades e vontades, assim, nem sempre o que desejamos fazer é o que ela quer fazer e isso a faz ficar angustiada e estressada, resultando na não aprendizagem necessária para ele.

afetividade, na intenção de cativa-los a querer aprender, a estar na escola e a se relacionar com todas as pessoas.

As docentes demonstram se autoavaliar, refletindo sobre sua prática pedagógica e sobre suas carências enquanto profissionais da educação. Analisamos isso como um fator positivo, pois a autoreflexão nos permite repensar nossas ações e estar em constante aprendizado de acordo com o meio que estamos inseridos.

Outro importante questionamento foi: como ocorre a relação professor e aluno com autismo? As docentes expuseram que:

Docente Violeta

A relação professor/aluno, está atualmente boa. A criança confia nos dois professores, se sente segura e nos obedece, mas, possui momentos que se agita e quer recusar nossos comandos, fazendo birra e não aceitando ser contrariada, não aceitando cumprir as atividades selecionadas.

Docente Rosa

Nossa relação é ótima, bastante afetuosa. Os alunos demonstram gostar e confiar em mim, enquanto professora e eu demonstro meu carinho todos os dias por eles através de gestos e palavras.

Essa relação à afetividade e confiança, é muito importante no processo de ensino aprendizagem, quando o aluno confia no seu professor, consegue ter mais motivações para aprender e consequentemente se desenvolver. Porém, destacamos a frase da docente Violeta, quando diz que em “alguns momentos a criança se agita e não aceita desenvolver as atividades propostas”. Isso pode ser algo frequente em qualquer âmbito escolar e independente das atitudes do professor, a criança vai ter momentos em que pode ficar mais relutante a realizar tal solicitação do professor e cabe a ele saber mediar a situação para em um momento posterior voltar a propor as tarefas.

Na pergunta seguinte, tentamos compreender: Como se concretiza a participação do aluno com TEA na sala de aula?

Docente Violeta

É um aluno de frequência ativa e frequente. O qual participa de algumas atividades coletivas que o desperta interesse e outras já não participa, se recusa.

Docente Rosa

São alunos assíduos as aulas, os quais participam de todas as atividades propostas, como as atividades de oralidade, de leitura, de escrita, dentre outras.

Fica em destaque a participação ativa das crianças na escola, conseqüentemente se ressalta o valor que a família tem para com a educação, pois buscam garantir a frequência dos alunos e sua inserção na instituição escolar e no meio social.

Outra importante indagação foi: Você considera que o empenho do professor assim como, seu conhecimento pode afetar o processo de inclusão do aluno com TEA na sala de aula do ensino regular?

Docente Violeta

Com certeza!

A relação professor aluno, atinge diretamente a vontade de aprender da criança. Um professor que cativa o aluno, que busca fazer atividades para ele, que a criança goste, tem mais chances de fazê-lo querer ir a aula e de melhorar suas capacidades cognitivas e de aprendizagem. A relação afetiva afeta diretamente no rendimento da criança.

Sim. As ações do professor afeta diretamente no desenrolar da sua sala de aula, o professor é exemplo, e a partir disso os demais alunos conseguem perceber e praticar a inclusão e o respeito com qualquer pessoa.

O processo de inclusão é diretamente ligado com as atitudes do professor, e manter esse bom relacionamento, cativar a afetividade da criança, é fator essencial para que as crianças tenham oportunidades para se desenvolverem em um ambiente inclusivo e acolhedor.

Então, a partir da análise das respostas dos entrevistados, percebe-se o quanto os professores compreendem a necessidade de estudar sobre o TEA e de aprimorarem suas práticas pedagógicas, no intuito de gerar inclusão e aprendizagens para todas as crianças dentro da sala de aula regular. Vale ressaltar sobre a exposição de diversas dificuldades/problemáticas, que são enfrentadas pelos professores no cotidiano escolar e que dificultam de fato esse processo de ensino aprendizagem, pois as singularidades e particularidades existem para todos os alunos e cabe ao professor buscar metodologias que supram essas carências educativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo principal, buscamos compreender os desafios enfrentados pelos professores de uma escola pública de Pau dos Ferros-RN, para conseguir proporcionar a inclusão dos alunos com TEA na sala de aula regular, podemos entender, a partir de nossas discussões que existem muitas dificuldades a serem enfrentados pelas escolas mediante o processo educacional dos alunos.

Mediante tudo o que se foi exposto, fica nítido que as docentes entrevistadas veem a necessidade de conhecer e se aprofundar sobre o autismo, pois a cada ano letivo o número de crianças com TEA vem aumentando nas escolas. Sendo assim, conhecer, estudar, se aprofundar, diversificar metodologias e práticas escolares, são o mínimo que se pode fazer enquanto docente no intuito de garantir educação e inclusão.

De acordo com as respostas das professoras, conseguimos conhecer um pouco sobre suas realidades e refletir acerca das dificuldades que são enfrentadas por elas diariamente em sala de aula, bem como sobre suas práticas pedagógicas para a inclusão e desenvolvimento dos alunos, além de visualizar como o corpo da escola busca acompanhar o desenvolvimento dos alunos com autismo em sala de aula.

Com uma análise sobre todos esses pontos, podemos expor que a cada ano o ser professor torna-se mais complexo, sendo indispensável a atualização dos saberes e a diversificação de metodologias e práticas que surtam efeitos na aprendizagem dos estudantes, levando em consideração cada especificidade e algo também essencial, é que todos os funcionários das instituições deem seu máximo, trabalhem juntos, no intuito de garantir aprendizagem significativas para os discentes com autismo, a responsabilidade não fique somente para o professor.

Portanto, o TEA, é uma deficiência que acompanhará o indivíduo por toda a sua vida, dessa forma, é uma luta incansável e infinita para aqueles que diariamente precisam pedir e lutar por respeito a sociedade, esperamos que este trabalho sirva de norteamto para conscientização da população sobre a importância da inclusão dos alunos autistas na escola regular. Defendemos que abordamos sobre um tema muito importante no meio educacional e social, o qual possui muitas famílias que enfrentam cotidianamente imensos desafios para garantir as crianças/pessoas com autismo, uma vida de qualidade com seus direitos garantidos em todos os aspectos.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, Aline Vasconcelo; HECK, Giomar Maria Poletto. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática**. Chapecó, SC. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394)**. Brasília: 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 27 de junho de 2024.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo. **A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades**. Paraná. 2016. V, 01.

COSTA, Fihama Brenda Lucena da. **O processo de inclusão do aluno autista na escola regular: análise sobre as práticas pedagógicas** / Fihama Brenda Lucena da Costa. - Caicó: UFRN, 2017. 92f.: il.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação: saberes Pedagógico/Coordenação Sema Garrido Pimenta).

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O reizinho autista**. 3ª Edição. 2018.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Francisco José de. **Ética e inclusão: o status da diferença**. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. p. 54-66.

MELLO, ANA MARIA S. ROS DE. **Autismo: guia prático**. Colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: [Livro - Autismo Guia Pratico - Ana Maria de Mello PDF | Download grátis PDF | Autismo | Síndrome de Asperger \(scribd.com\)](#) . Acesso em: 18 de junho de 2024.

MENDONÇA, Priscilla Bibiano de Oliveira. **A metodologia científica em pesquisas educacionais: pensar e fazer ciência**. Interfaces Científicas – Educação; Aracaju; V.5; N.3; p.87 – 96; Jun. 2017.

MENESES, Francília Sousa; SOUSA, Francisca Maria da Cunha. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular**: Análise sobre as práticas pedagógicas. Sala 8 - Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação. V.01 N. 02/2022 - <https://doi.org/10.29327/235555>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Matrículas na Educação Especial chegam a mais de 1,7 milhão**. Disponível em: [Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/indicadores-e-dados/indicadores-de-desempenho/indicadores-de-desempenho-2023) . Acesso em: 19 de junho de 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientação aos sistemas de ensino para a implementação da Lei 12.764/2012**. MEC, 2023. Disponível em: [index.php \(mec.gov.br\)](https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13287-nt24-sistem-lei12764-2012&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em 19 de junho de 2024.

MIRANDA, Theresinha Guimarães e FILHO, Teófilo Alves Galvão (org.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 17-24. Disponível em: [Baixar o livro "O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares" \(galvaofilho.net\)](https://galvaofilho.net/). Acesso em: 22 de junho de 2024.

Nota Técnica Nº 24/2013/MEC/SECADI/DPEE. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13287-nt24-sistem-lei12764-2012&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe. **Autismo e aprendizagem**: os desafios da Educação Especial. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa [et al]. **Mundo singular: entenda o autismo**. Fontanar, 2012.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo**: sentimentos e práticas docentes. Psicologia Escolar e Educacional. 2020.

